



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I maio-out. 2017

p. 248-262.

“Para eles eu não existo” - A invisibilidade da negra não heterossexual nas telenovelas brasileiras

Naira Évine Pereira Soares¹

RESUMO: A presente pesquisa tem como intuito entender e discutir os motivos pelos quais negras não heterossexuais são invisibilizadas na mídia, em especial nas telenovelas. Silva (2015) desenvolveu um trabalho no qual um dos objetivos era elaborar e divulgar um mapeamento da quantidade de personagens LGBTs nas telenovelas da Rede Globo entre 1970 e 2013. Para esse trabalho, houve uma continuidade que engloba o período compreendido entre 2014 e 2016. Constatou-se que em 46 anos a emissora produziu apenas 156 personagens LGBTs, em sua grande maioria homens gays brancos e de classe média. Até o momento dessa pesquisa, houve apenas uma negra bissexual, que foi a personagem secundária *Adele*, em *Totalmente demais* (2015 – 2016), cuja sexualidade passou quase despercebida. O estudo permite a percepção das causas que comprovam essa invisibilidade e marginalização da sociedade e da mídia, além da importância que há em representar sem estereótipos as vivências, experiências, preconceitos e medos de mulheres negras não heterossexuais.

PALAVRAS-CHAVE: Negra não heterossexual; Mulher negra; Representatividade; Invisibilidade; Mídia.

Abstract: The present study has as its objective an understanding and discussion of the motives for non-heterosexuals being hidden by the media, especially in soap operas. Silva (2015) developed a study in which one of the aims was to develop and publicize a mapping of the quantity of LGBT characters in soap operas on the *Rede Globo* network between 1970 and 2013. For this study, there was a continuity, which included the period between 2014 and 2016. It was found that in 46 years the broadcaster produced only 156 LGBT characters, in their great majority middle class white gay men. Up until the time of this research, there was only one bisexual black woman, who was the secondary character *Adele*, in *Totally Too Much* (2015-2016), whose sexuality went almost unnoticed. The study allows us to perceive the causes that demonstrate this invisibility and marginalization by society and the media, as well as the importance of representing without stereotyping the life experiences, understandings and fears of non-heterosexual black women.

Keywords: Non-heterosexual black woman; Black woman; Representativity; Invisibility; Media.

Resumén: Esta investigación tiene la intención de comprender y discutir las razones de la negra no heterosexual se hacer invisibles en los medios de comunicación, sobre todo en las telenovelas. Silva (2015) desarrolló un trabajo en el que uno de los objetivos era preparar y publicar un mapa de la cantidad de personajes LGBT en telenovelas de la Red Globo entre 1970 y 2013. Para este trabajo, se produjo un continuo que abarca el período entre 2014 y 2016. Se encontró que en 46 años la estación ha producido sólo 156 caracteres LGBT, y en su mayoría son hombres homosexuales blancos y de clase media. En el momento de esta investigación, sólo había una bissexuales negra, que era el personaje secundario *Adele* en *Totalmente demais* (2015-2016), cuya sexualidad pasó casi desapercibida. El estudio lleva a la percepción de las causas que prueban esta invisibilidad y marginación de la sociedad y los medios de comunicación, y la importancia que existe para representar las experiencias, los prejuicios y temores de las mujeres negras no heterossexuales de la manera correcta, evitando los estereotipos de los conceptos erróneos.

Palabras clave: Negra no heterosexual; mujer negra; representatividad; invisibilidad; Medios de comunicación.

¹ Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2015) e é pós-graduada em Cinema e Linguagem Audiovisual pela Universidade Estácio de Sá. É documentarista, pesquisadora, fotógrafa, filmmaker e editora. Atualmente é aluna especial do mestrado em Relações Étnico-Raciais do Cefet/RJ. E-mail: naira.nai@gmail.com

Recebido em 14/02/17

Aceito em 15/04/17

"Os patriarcas brancos nos disseram: penso, logo existo. A mãe Negra dentro de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: eu sinto, portanto eu posso ser livre."

Audre Lorde

Introdução

A sexualidade reprimida da mulher, o racismo enfrentado pela população negra e os medos que perseguem a população LGBT demonstram quão perigosa pode ser a sociedade para indivíduos pertencentes a essas comunidades. Por isso, é importante refletir sobre as vivências nessas interseccionalidades e analisar como as telenovelas da emissora de maior audiência no Brasil contribuem para a marginalização e invisibilidade da mulher negra não heterossexual.

Para o embasamento da pesquisa foi realizada uma pesquisa bibliográfica com autores e autoras que pesquisam tanto sobre mídia, identidade, raça, gênero e sexualidade, como Fanon (2009), Munanga (1999) Oliveira (2008), Borges (2012), Castells (2000) e Silva (2015), assim como os que falam sobre algumas interseccionalidades e suas nuances, como a escritora negra, lésbica e ativista Audre Lorde (2009), Gonzalez (1984), Crenshaw (2002) e Luz e Santos (2013). Essa bibliografia foi acionada para analisar a única personagem negra bissexual que existiu em 46 anos nas telenovelas da Rede Globo. Trata-se de Adele, de *Totalmente demais* (2016).

Identities, gênero, raça e sexualidade: a interseccionalidade do sujeito

Castells (1942) defende que toda e qualquer identidade é construída e cada indivíduo “pode ter identidades múltiplas”. Nota-se, então, que essa construção se faz através da relações de poder. A identidade do sujeito pertencente às classes dominadas, independente do sistema político, financeiro e da época, é formada de acordo com as preferências da classe dominante. Com o capitalismo e a indústria cultural, a alienação e padronização dos sujeitos dominados são formadas através dos meios de comunicação, dos dogmas religiosos e do sistema político e financeiro.

Para Fanon (2008), as relações de poder moldam a sociedade, determinando as posições e os sujeitos. Ainda de acordo com esse mesmo autor, “o superior se vale da



hierarquia”. É dessa forma que se define o que é poder, exclusão e identidade. Como Luz e Santos (2013, p. 4) citam:

O poder permeia, limita e expande a capacidade de produção e atualização das identidades nos contextos culturais. Há uma confusão comum entre poder, alteridade, identidade e exclusão. Na ausência de poder, não existe identidade: é o poder que permite enunciar a diferença. Mas o poder também é o que permite a desigualdade e a exclusão. Toda a experiência identitária, nos contextos sociais que conhecemos, torna-se também uma experiência de exclusão. Por isso, é impossível separar os conceitos e sua ocorrência nas disputas sociais. (LUZ; SANTOS, 2013, p.4).

Não há problema nas diferenças, afinal, são elas que fortalecem a multiplicidade dos seres humanos. Mas, como Luz e Santos (2013) explicam, a questão não são as identidades, mas as desigualdades que elas criam, explicam ou naturalizam em determinados contextos sociais. Na atualidade, a “representatividade” tem sido debatida com mais frequência em espaços de construção de conhecimento e redes sociais, afinal o que significa ser representado? Émile Durkheim foi um dos primeiros a falar sobre representação social para denominar as formas que a sociedade impõe aos sujeitos determinados padrões. Apesar de suas pesquisas terem sido esquecidas no tempo, Serge Moscovici² o resgatou e, em uma análise sobre o tema, Sêga (2000, p. 128) defende que:

A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto, nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas. (SÊGA, 2000 p.128).

Mesmo existindo divergências em relação aos possíveis significados da representatividade, é possível observar a importância de ser bem representado para grupos marginalizados, a exemplo da valorização da estética, história e cultura negra, dos sentimentos de pertencimento para mulheres e LGBTs. Isso se deve, em grande parte, à intensificação do uso das redes sociais como disseminadoras de informações.

Ao entender como a identidade é moldada pelo meio em que vivemos, através da mídia, política e grupos sociais, como família, escola e igreja, passamos a perceber de forma crítica o contexto das comunidades a qual pertencemos e de que forma elas são vistas perante

² Serge Moscovici foi um psicólogo social (1925 – 2014).



os demais na sociedade. Cada sujeito possui subjetividades interseccionadas que, a depender dos padrões sociais, serão bem vistas ou não.

Direito ao trabalho, voto, decisões do próprio corpo (como a maternidade ou o aborto), luta contra a violência doméstica e a cultura do estupro são pautas e (às vezes) avanços que, durante décadas, foram reivindicados por mulheres brancas e heterossexuais que lutaram através de movimentos feministas de vertentes variadas. A população negra - de lugares diferentes – advinda da escravidão luta contra o genocídio, o alto índice de homicídio pelo Estado (e polícia) de homens negros, pela inserção e aumento das políticas públicas de reparação social (como políticas afirmativas para universidades e concursos). O movimento LGBT, por sua vez, luta por direitos civis, como o casamento e a adoção, assim como contra os crimes causados pela disseminação do ódio: a LGBTfobia.

Dentro dessas três comunidades há várias interseccionalidades mas, para esta pesquisa, o foco é a mulher negra e lésbica ou bissexual, que não consegue ser totalmente representada e suprida em nenhum dos grupos citados. Desse modo, este estudo requer um aprofundamento em temas como: gênero, raça e sexualidade. Não se menciona essa interseccionalidade sem citar a importante influência de Audre Lorde, uma escritora que faz considerações de extrema pertinência, como:

Dentro da comunidade lésbica eu sou Negra, e dentro da comunidade Negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas Negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres Negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão Negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são negros. Não há hierarquias de opressão. (LORDE, 2009).

Beauvoir (1980, p.9) afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se”. Essa afirmação ressalta a importância de que não é possível restringir a criança ao seu órgão sexual. A infância é fase importante para as funções que o indivíduo irá exercer ao longo de sua vida e as representações poderão afirmar os gostos e a própria personalidade da pessoa. Afirmar na infância que mulher é sensível e por isso brinca de dona de casa e o homem é forte, portanto brinca de carros, super-heróis e esportes, cria estereótipos a respeito do que é ser mulher e homem, tanto nas relações interpessoais quanto na identidade pessoal e profissional do indivíduo.

Na história de nossa civilização, quem não se enquadra no padrão estabelecido, como Santos e Luz (2013) definem, está em desvantagem por causa das relações de poder que põe



identidades como, ser homem branco, heterossexual e burguês no topo da hierarquia, conferindo-lhe uma posição social, econômica e política contrária à de mulheres, negras, não heterossexuais e pobres.

Essa hierarquização reforça a divisão de gêneros, determinando o papel de cada um na sociedade. Uma das consequências disso ainda é o tabu criado em torno do aborto e do estupro: de acordo com os registros oficiais recolhidos pela FBSP³, a cada 11 minutos uma mulher é estuprada no Brasil. Ainda assim, mulheres são culpabilizadas por conta da roupa, do modo de viver, do local e horário que estavam no momento da violência. A cultura do estupro⁴ é fomentada dessa forma. Apesar de todas as mulheres serem vítimas de algum tipo de violência, seja ela doméstica, sexual, simbólica, psicológica, dentre outras, as mulheres brancas ainda fazem parte de um percentual menor em relação às negras. Dentro da classe feminina, não se restringindo às questões de gênero, há uma enorme desigualdade racial, portanto devem existir recortes de classe, raça, orientação sexual, identidade de gênero, regionalismo e cultural. Butler (2003) explica melhor essa subdivisão:

O gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2003, p.20).

Abordar questões de gênero sem que haja tais recortes, é camuflar a realidade. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em parceria com o Programa de Igualdade de Gênero e Raça (UNIFEM), realizou um levantamento de dados para comprovar, em números, a desigualdade racial entre mulheres brancas e negras no Brasil. De acordo com os dados da pesquisa, há mais de 41 milhões de mulheres negras no país, totalizando 23,4% da população. Sobre os impactos que essas mulheres sofrem na sociedade, Carneiro (2002), afirma que existem:

[...] múltiplas formas de discriminação social (...), em consequência da conjugação perversa do racismo e do sexismo, as quais resultam em uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida” (CARNEIRO, 2002).

³ Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), organização não governamental (ONG) que formula análises e pesquisa as estatísticas sobre a violência no país.

⁴ É o termo usado para abordar as maneiras em que a sociedade culpa as vítimas de assédio sexual e normaliza o comportamento sexual violento dos homens. Ou seja: quando, em uma sociedade, a violência sexual é normalizada por meio da culpabilização da vítima, isso significa que existe uma cultura do estupro. (ONU Mulheres Brasil, 2016).



Ainda de acordo com os dados do IPEA, no período compreendido entre 1993 e 2003 aumentaram os números de mulheres negras desempregadas, com o menor rendimento mensal do trabalho, em cargos subalternos, com carga horárias maiores, chefiando famílias com filhos e, muitas vezes, sozinhas. Também houve um aumento expressivo na proporção de pobreza e/ou indigente e, segundo o Mapa da Violência 2015, de 2003 a 2013 a taxa de homicídios contra mulheres negras no Brasil cresceu em 20%, enquanto o de brancas caiu em 12%, conforme indicam as figuras 1 e 2:

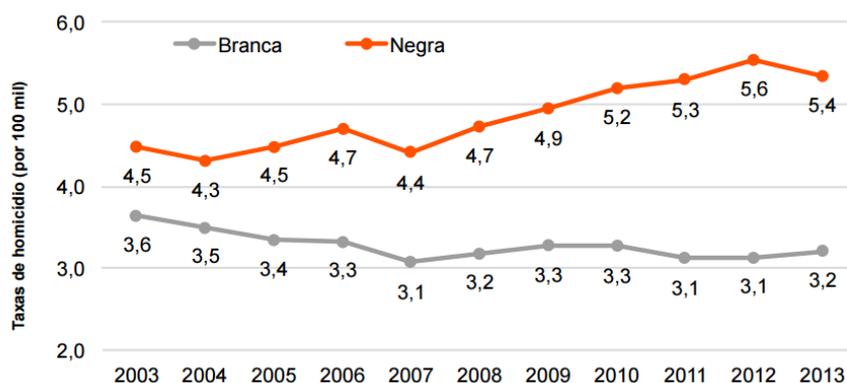


Figura 1 - Evolução das taxas de homicídio de mulheres brancas e negras (por 100 mil). Brasil. 2003/2013.

Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil



Figura 2 - Evolução das taxas de homicídio de mulheres brancas e negras (por 100 mil). Brasil. 2003/2013.

Fonte: Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil.



Esses dados só comprovam a desigualdade entre as mulheres, reforçando que isso também precisa ser combatido dentro e fora do movimento feminista, afinal, a pergunta que fica é: por quais mulheres o feminismo luta?

A invisibilidade e os processos de embranquecimento da mulher negra

A discussão sobre raça no Brasil perpassa pelas noções de embranquecimento, democracia racial e mestiçagem no país e de que forma essas questões são encaradas. A mestiçagem seria inevitável num país que nasceu baseado na separação étnico-racial e que mantinha essa relação de poder em vários aspectos, inclusive sexual. As mulheres escravizadas⁵ eram obrigadas a serem servas sexuais de seus patrões, e as crianças mestiças que elas procriavam eram, além de bastardas, escravizadas.

Teorizar a construção da identidade nacional sempre foi um impasse no Brasil porque os pensadores brasileiros da época queriam se fundamentar das teorias européias de raça, mas como eles conseguiriam explicar aquela diversidade racial do país? Além disso, o fim do sistema escravista trouxe à tona uma nova categoria de “pessoas”: os ex-escravizados negros, até então considerados animais e coisas e que, por serem livres, a partir daquele momento seriam dignos de direitos e deveres constitucionais. Essa burguesia pensadora era branca e racista, portanto a sua preocupação girava em torno da “influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira” (MUNANGA, 1999).

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí porque a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim do século XIX e que repercutiu até meados do século XX. Elaboraões especulativas e ideológicas vestidas de cientificismo dos intelectuais e pensadores dessa época ajudariam hoje, se bem reinterpretadas, a compreender as dificuldades que os negros e seus descendentes mestiços encontram para construir uma identidade coletiva, politicamente mobilizadora. (MUNANGA, 1999, p.51).

Cientes da inevitabilidade da influência do negro na identidade nacional, a burguesia fundamentou a chamada “democracia racial”, baseada no engrandecimento da visão fantasiosa de que no Brasil há apenas uma identidade: a brasileira, criando a falsa ilusão de que há uma convivência harmoniosa entre ricos e pobres, brancos e não brancos. Essa ideologia foi defendida por autores como Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala* (1933). Segundo ele, o processo de

⁵ Diferentemente do “escravo”, privado de liberdade, em estado de servidão, o “escravizado” entra em cena como quem “sofreu escravização” e, portanto, foi forçado a essa situação. (HARKOT-DE-LATAILLE; SANTOS, 2012)



miscigenação criou esse livre convívio entre as etnias no país, onde o mulato é o elo entre negros e brancos. É dessa forma que a elite se sente confortável para perpetuar preconceitos e exclusões sem que haja uma interferência ou criticidade vinda da população pobre e/ou não-branca. Foi criada uma nova identidade para que os descendentes negros não se interessassem em conhecer o passado, cultura, gastronomia, religião e ciência de seus ancestrais, temendo a sua afirmação enquanto negro.

Nesse sentido, a ideologia do branqueamento⁶ tomou força, uma vez que negros e não brancos começaram a sofrer violências e pressões psicológicas por meio de um processo de alienação que os fazia negar a sua identidade para se adequar no padrão estético e social baseado na branquitude eurocêntrica. A mídia teve papel importante nesse projeto de embranquecimento da população negra e mestiça, através da publicidade, dos cargos de grande importância no cinema e na televisão e nos privilégios sociais que pessoas brancas possuem como grandes detentores de poder intelectual, como ocorre nas universidades. Tal aglomerado de fatores criou uma visão errônea do que seria o certo e o errado, o bonito e o feio, caracterizando, assim, o papel social do branco, não branco e negro no país.

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc., até a polícia formalmente constituída (...). Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos habitacionais, cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos dos dias de hoje. O critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (GONZALEZ, 1984)

A mulher negra não heterossexual

A visão de que mulheres lésbicas ou bissexuais não sofrem opressão dentro do movimento LGBT é extremamente equivocada. Durante anos – e isso ainda se configura como uma luta dentro do movimento – a diversidade sexual, que deveria abranger os mais diversos tipos de identidades de gênero e orientações sexuais, se resume a um “movimento gay”, como se assim estivesse representando todos. O machismo, a invisibilidade e a misoginia também ocorrem dentro das lutas sociais, exemplo disso são termos pejorativos utilizados para identificar mulheres.

⁶ O ideal de branqueamento é, portanto, uma ideologia nativa, nascida na pós-abolição, com seus pretextos notadamente racistas que foram compartilhados pela intelectualidade nacional, presente nas obras de inúmeros e influentes pensadores, juristas, políticos e escritores brasileiros. (...) Sua origem provem da convicção de que o sangue “branco” iria purificar o sangue primitivo, “africano”, permitindo a eliminação física destes e a formação gradativa de um povo homogêneo: “branco” e “civilizado”. (OLIVEIRA, 2008)



As mulheres lésbicas e bissexuais são tratadas como se sua saúde ginecológica, prevenção de DSTs e o alto índice de estupro corretivo⁷ não precisassem de atenções especiais. Além disso, as mesmas ainda encaram, dentro do movimento, o sexismo e o machismo, e as mulheres negras ainda sofrem com o racismo e com a hipersexualização de seus corpos.

A sexualidade da mulher nunca foi alvo da atenção merecida. Um exemplo disso é a maneira com a qual o clitóris foi tratado pela literatura médica, aliás, como o mesmo foi invisibilizado pelo simples fato de, como Angier (2004) fala, no documentário *Clitóris: o prazer proibido* (Dominici), essa ser a única parte do corpo humano destinado apenas ao prazer, possuindo mais de oito mil fibras nervosas sensoriais, o que corresponde a quase o dobro da quantidade encontrada na cabeça do pênis. Historicamente, a mulher foi restrita apenas para a procriação, como se a mesma não fosse digna de sentir prazer, mas apenas de satisfazer o seu parceiro. Numa sociedade baseada no machismo, duas mulheres que se dão prazer sexualmente sem a intenção de procriar, configura uma afronta. Isso também explica as perseguições sofridas por mulheres não heterossexuais.

Na cultura ocidental a sexualidade está intimamente ligada à relação entre sexo e reprodução, o que reforça os padrões de heteronormatividade⁸ e exclusão da diversidade de orientações sexuais. A sexualidade da mulher é, historicamente, reprimida na sociedade ocidental, sendo elas educadas para serem mães, donas de casa, obedientes e respeitadas à virilidade e prestígio do homem. A mulher é, desde a infância, estimuladas a ser reservada, esconder-se, cultivar “bons modos” e controlar suas vontades. Às meninas não foi ensinado o caminho da masturbação; pelo contrário, a orientação dada foi a de que o corpo feminino deve ser intocável. Ao contrário dos meninos que, desde pequenos, são estimulados a serem viris, “machos”, corajosos, galanteadores, emocionalmente desapegados e são ensinados a se masturbar, a objetificar, tomar posse e hipersexualizar o corpo feminino. A heterossexualidade compulsória é um dos fatores que marcam a vida de muitas lésbicas que, por serem mulheres, tiveram suas sexualidades reprimidas e um padrão sexual e afetivo a ser seguido, como Rich (1993) afirma:

[...] as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatórios. O cinto de castidade, o casamento infantil, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista

⁷ Uma violência heteroterrorista, na qual uma ou mais pessoas estupram mulheres lésbicas ou bissexuais partindo do pressuposto de que, dessa forma, elas seriam “curadas” da sua sexualidade. É como se esse ato fosse “consertar” o desejo sexual da agredida.

⁸ Uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (MISKOLCI, 2008).



como exótica ou perversa) na arte, na literatura e no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas das formas óbvias de compulsão, as duas primeiras expressando força física, as duas outras expressando o controle da consciência feminina (RICH, 1993).

Após entender a sexualidade reprimida da mulher, os desafios das lésbicas e bissexuais, e os enfrentamentos da negra, torna-se nítida a percepção de que essa interseccionalidade é real e que a mulher não heterossexual e negra resiste a uma marginalização oriunda de vários lados. Não adianta pensar separadamente, como Lorde (2009, p.05) diz: “eu simplesmente não acredito que um aspecto de mim pode possivelmente lucrar da opressão de qualquer outra parte de minha identidade”. E é desse modo que dá para entender que uma das maiores dificuldades dos movimentos sociais para com esses sujeitos é a visão de que “raça e gênero são como problemas mutuamente exclusivos” (CRENSHAW, 2002).

A invisibilidade na mídia

Silva (2015) realizou um estudo a respeito da quantidade de personagens LGBT em telenovelas da Rede Globo entre 1970 e 2013. Com o intuito de complementar esse artigo, a lista foi atualizada com as telenovelas de 2014 até o primeiro semestre de 2016. Em 46 anos existiram 156 personagens que se encaixam em arquétipos LGBT, mas apenas oito eram negros. Desses, cinco homens negros, uma mulher bissexual, uma travesti, uma transgênero e nenhuma lésbica.

Vale ressaltar o caráter estereotipado dos personagens e o conteúdo preconceituoso, além de que, em 46 anos e 80 telenovelas, houve a participação de apenas uma mulher negra e bissexual (em 2016), uma vez que o censo de 2010 do IBGE contabilizou mais de 60 mil casais homoafetivos no país. Esse mesmo levantamento mostrou que, pela primeira vez no país, mais de 50% da população brasileira se identificou como preta ou parda. A partir desses dados, o questionamento é: será mesmo que não existem muitas lésbicas ou bissexuais negras no país? E por que elas não são representadas nas telenovelas?

O preconceito e ódio contra pessoas LGBT existem e, segundo estimativas atuais, mata-se um LGBT a cada 27h⁹ no Brasil. Não existe uma lei federal, ainda, que obrigue as delegacias a registrarem tal crime, o que dificulta ainda mais a afirmação precisa a respeito de quantas pessoas são vítimas fatais desse tipo de violência. A criminalização da LgbtFOBIA é uma das pautas mais

⁹ Segundo o banco de dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), através do site “Quem a Homotransfobia matou hoje?” (<https://homofobiamata.wordpress.com>), só em 2015, 318 LGBT foram assassinados no Brasil: um crime de ódio a cada 27 horas.



importantes dos movimentos LGBT no Brasil porque os dados que órgãos como o GGB (Grupo Gay da Bahia) possuem são baseados em notícias que vem à tona diariamente, mas e todos os outros que são considerados outros tipos de violência? Quando se trata da mulher negra, lésbica ou bissexual – e, muitas vezes, pobre -, tem que ser levado em consideração a violência de gênero, na qual essas estão as vítimas de estupro corretivo, racismo e também LGBTfobia. A interseccionalidade é também de violência.

Mas, afinal, o que a mídia tem a ver com isso? Partindo do pressuposto de que, desde as teorias dos pensadores da Escola de Frankfurt, defende-se que os meios de comunicação de massa são propriedades de empresas privadas que possuem interesses em lucrar e não em contribuir, através da arte, cultura e técnica da comunicação, para a formação crítica de cidadãos, mas sim para manutenção da alienação, então o sustento de estereótipos, assim como a naturalização de violências – sejam elas simbólicas ou físicas – prejudica ainda mais a realidade. Para Woodward (2007),

A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular - o adolescente esperto, o trabalhador em ascensão ou a mãe sensível. Os anúncios só serão eficazes no seu objetivo de nos vender coisas se tiverem apelo para os consumidores e se fornecerem imagens com as quais eles possam se identificar. (WOODWARD, 2007, p.17)

Borges (2007) ainda complementa sobre o papel da mídia como reprodutor de temáticas sobre a sexualidade:

A mídia faz parte de uma rede de saberes – ciência, movimentos sociais, estado, igreja, entre outros – que, de forma distinta, produz e conforma ideias sobre assuntos diversificados, tais como a sexualidade. Ela é também um ator social significativo na construção e circulação de repertórios sobre as homossexualidades na contemporaneidade. Tem sido reconhecida como um campo de destacada influência na produção e reprodução de valores e sentidos sobre a sexualidade, seja pela introdução de temáticas até então consideradas tabus, seja pela forma como tem abordado estas temáticas. (BORGES, 2007 p.365)

Filho (2004) defende que os estereótipos existem para manter e reproduzir relações de poder, desigualdade e exploração, assim como para justificar comportamentos hostis ou até letais dentro da sociedade. Naturalizar a propensão do corpo negro, feminino ou masculino, para atividades braçais e físicas como desculpa da ausência de negros no ensino superior é um exemplo de como reforçar estereótipos prejudica a classe. Assim como reforçar que homens gostam de ciências exatas e mulher de ciências humanas intensifica a manutenção dos estereótipos de divisão



de gênero e contribui para a legitimação do machismo e do patriarcado. Filho (2004) argumenta sobre a força do estereótipo:

Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e Eles. Tonificam a autoestima e facilitam a união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”, ao mesmo tempo em que excluem, expõem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente. (FILHO, 2014, p.48).

Na telenovela *Totalmente demais*, a personagem mulher negra e bissexual, é Adele (Jessica Ellen), uma *booker* de catálogos que, amiga de Cassandra (Juliana Paiva), ajuda a colocá-la no concurso Garota Totalmente Demais, fio condutor da trama. As mulheres negras na mídia televisiva são representadas, na maior parte das vezes, através de comportamentos padrões que levam o espectador a possuir opiniões e juízo de valor acerca daquele grupo social. Isso ocorre de uma forma geral, mas no caso das mulheres negras que possuem um histórico apagado e marginalizado por fatores supracitados neste trabalho, a insistência midiática só prejudica.

A personagem em questão é uma mulher quieta, voltada para sua vida profissional e que se coloca sempre à disposição para cuidar dos problemas dos amigos. É a “sombra” de Cassandra e se responsabiliza por todas as suas confusões e problemas. Não possui uma vida amorosa/sexual, não se define como lésbica ou bissexual. Após uma desilusão amorosa com a Lu (Julianne Trevisol), Adele cita: “eu gosto de gente, Lu, eu gosto de pessoas” (TOTALMENTE, 2016, cap. 69). Após esse acontecimento, a aparição de sua vida pessoal só acontece no capítulo do dia 21.04.2016 (quase três meses depois) quando ela apresenta seu novo *date*¹⁰ para seus amigos. Max (Pablo Sanábio), um homem gay com os arquétipos efeminados. Fala: “mas amiga, é homem, é mulher ou é objeto não identificado? (...) Vocês que jogam para os dois lados têm muitas opções, Brasil”. E, por fim, após conhecer Clara (Gabriela Carcaioli), a garota com quem ela está se envolvendo, Max finaliza a cena e diz: “ai amei, sempre gostei de brownie com sorvete de creme”.

Temos que levar em consideração que, pelo histórico de telenovelas, mulheres negras desempenham um padrão de papéis e características: tem-se a *Nanny*, personagem que se encontra, geralmente, num emprego subalterno a alguma pessoa branca que cuida de tudo e de todos e não possui problemas; a “*barraqueira*”, que fala alto e está sempre pronta para brigar com todos; a

¹⁰ Termo da língua inglesa que significa encontro romântico entre duas pessoas.



“*piriguete*”, que usa roupas curtas, tem corpão, geralmente samba e gosta de namorar; e a “*profissional*”, que geralmente entra no padrão de embranquecimento, não apenas na estética, mas também no comportamento. Esses padrões estão na mídia, assim como na vida real.

A mídia institui padrões operacionais: falas e sotaques, vestimentas, modelos de beleza, procedência geográfica são balizas que conduzem a modos específicos de escrever, filmar e fotografar, ou seja, de mostrar ou ocultar, que acabam, em última instância, de forma arbitrária e excludente, sintetizando o *universal* do homem. Tanto no Brasil quanto em outros países, os sistemas informativos demarcam e diferenciam o que é relatado/mostrado, estabelecendo sempre modelos e estilos de vida a serem seguidos (BORGES, 2012 p. 182)

Esse padrão de apagamento, que perpetua um estranhamento ao outro (o negro), reflete em uma legitimação da exclusão não apenas midiática, mas também social, do negro e do LGBT. Por esse motivo é comum escutar “apelidos” pejorativos ao negro, sua cultura, sua história e suas lutas, assim como os arquétipos determinados a pessoas assumidamente LGBTs, a heteronormatividade em casais, os estereótipos negativos que legitimam as várias formas de violência para com essa comunidade. Existe uma supremacia determinada que não pode ser abalada e que precisa estar sempre favorecida.

Essa superioridade imaginária do ser branco se reflete na seleção e na combinação sógnicas, (...) se ser branco é ser superior, há que se elegê-lo para a promoção de produtos e ideias! Essa ideia de superioridade alimenta as muitas representações negativas do ser negro que circulam na sociedade, as quais acabam por nutrir, mesmo que de modo sutil, as práticas racistas (BORGES, 2012 p. 56)

Conclusão

A mídia tem um papel importante na sociedade em disseminar informações, construir padrões e dar visibilidade às questões que julga importante. Filho (2004) discorre que os meios de comunicação de massa são a grande fonte de difusão e legitimação dos rótulos e estereótipos, o que colabora diretamente para a propagação de opressões e segregações na sociedade. Emissoras de televisão são empresas que, como qualquer outra, possuem interesses financeiros e defendem o que for vantajoso para quem a mantém.

Esse é um estudo inicial para analisar e refletir sobre os motivos pelos quais as mulheres negras não heterossexuais são marginalizadas na sociedade. A forma como a mídia televisiva divide a sociedade e dita regras colabora com isso através da invisibilidade e manutenção dos estereótipos negativos e opressores. É com esse tipo de estudo que se torna perceptível, para algumas pessoas, a



importância das lutas cotidianas dessas mulheres para a sobrevivência e, não obstante, para que se tornem visíveis de maneira respeitosa.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo, v.I, II*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BORGES, L.S. Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras. In: GROSSI, M.; UZIEL, A.P.; MELLO, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade. Homossexualidade e Cultura. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BORGES, R. C. S; BORGES, R. (Orgs.). *Mídia e racismo*. Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates. Coordenação: Tânia Maria Pedrosa Müller. Petrópolis, RJ: DP ET Alii. Brasília, DF: ABPN, 2012.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p.
- CLITÓRIS: Prazer proibido. Direção: Michèle Dominici, Stephen Firmin e Variety Moszinski. ARTE France – Cats & Dogs Films – Syllcone, 2003. 44:29min, NTSC, color. Título original: *Le Clitoris, Ce Cher Inconnu*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wmcu2mYZdRY>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.
- CRENSHAW, K. A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero. *Cruzamento: raça e gênero*. 2002. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 10 de Novembro de 2016.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FREIRE FILHO, J. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Famecos*, n.28, p. 18-29, 2005.
- _____. Mídia, estereótipo e representação das minorias. *Eco-Pós*, v.7, p. 45-71, agosto-dezembro 2004.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE; E; SANTOS, A. R. *Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade*. 2012. In: III simpósio nacional discurso, identidade e sociedade, III SIDIS, dilemas e desafios na contemporaneidade. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/HARKOT_DE_LA_TAILLE_ELIZABET_H.pdf>. Acesso em: 10 out. 2016.
- LORDE, A. There is no hierarchy of oppression. In: *Dangerous liaisons: blacks, gays and the struggle for equality*, ed. Eric Brandt. *I am your sister: collected and unpublished writings of Audre Lorde*. Nova Iorque: Oxford University Press, p. 156-157, 2009.
- LUZ, R.S.; SANTOS, A.C.C. Lésbicas mulheres negras: crise de representação a partir das suas múltiplas identidades. 2013. Trabalho apresentado na *IV Reunião equatorial de antropologia e XII Reunião de antropólogos do norte e nordeste*, 2013, Fortaleza, Ceará.
- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.



OLIVEIRA, I. M. A. *A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira*. Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-6.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2016.

ONU MULHERES BRASIL. *Por que fulamos de #CulturadoEstupro*. Eles por Elas – ONU Mulheres Brasil. Maio de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/ElesPorElasHeforShe> Acesso em: 10 de Agosto de 2016.

QUIANGALA, A. C. *Por que a visibilidade lésbica negra é importante?* 2016. Disponível em: <<http://www.pretaenerd.com.br/2016/09/por-que-visibilidade-lesbica-negra-e.html>.> Acesso em: 10 de Agosto de 2016.

RICH, A. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (Org.). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

SÊGA, R.F. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Revista Anos 90*, n 13, Porto Alegre, RS. 2000.

NASCIMENTO, F. *Bicha (nem tão) má: LGBTs em telenovelas*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

Totalmente Demais. Direção: Luiz Henrique Rios. Roteiro: Rosane Svartman e Paulo Halm. Estúdios Globo. 175 ep. 1080i HDTV, color. Rio de Janeiro. 2015-2016.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

